

Caciques políticos em extinção

CRISE NO SENADO PODE DETERMINAR O FIM DA POLÍTICA REGIONAL NO BRASIL

A crise no Senado, além de ameaçar o mandato de alguns cardeais do Congresso, marca o fim da era da política regional e clientelista, comandada pelos caciques locais, e o início de um ciclo inédito na vida institucional do País. Apesar de envolver figuras importantes do Legislativo, respingar no Executivo e resvalar até no Judiciário (pela participação dos procuradores no início do processo), o escândalo da violação do painel do Senado não provocou nenhum rumor sobre o futuro das instituições.

Ao contrário, historiadores, políticos e especialistas em opinião pública acham que o episódio indica o amadurecimento da democracia e aponta para um tempo novo na política nacional.

Na avaliação geral, depois de 500 anos de história, o País tem finalmente uma Nação tão próxima do Estado que acabará criando um novo Estado. Em outras palavras, a opinião pública nacional tornou-se tão presente e eficaz que não poderá mais ser relevada.

Mesmo caciques influentes, como os senadores

Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) e Jader Barbalho (PMDB-PA), já podem ser atropelados pela reação rápida e contundente do público, que não lhes dá margem para qualquer manobra. "Estamos na primeira geração criada na plena democracia e próximos de um Estado-Nação que nunca existiu na história do Brasil", avalia o historiador Jaime Pinsky, professor da Unicamp.

Com o mesmo entusiasmo, o professor Carlos Guilherme Mota, titular de História Contemporânea na PUC-SP, USP e Universidade Mackenzie, comemora a afirmação do que ele chama de "nova sociedade civil", forjada na luta contra a ditadura (1964-1985) esculpida na derrotada campanha das Diretas Já (1984) e amadurecida no impeachment do presidente Fernando Collor (1992).

"Hoje temos um novo tipo de cidadania, não pautada por alinhamentos ou ideologia", ressalta o professor Guilherme Mota. "São políticos novos ou reciclados, advogados, jovens promotores, jornalistas e outros que, sem preconceitos ou maniqueismos, acabam formando uma opinião pública mais crítica e independente." Nesse contexto, anota o his-

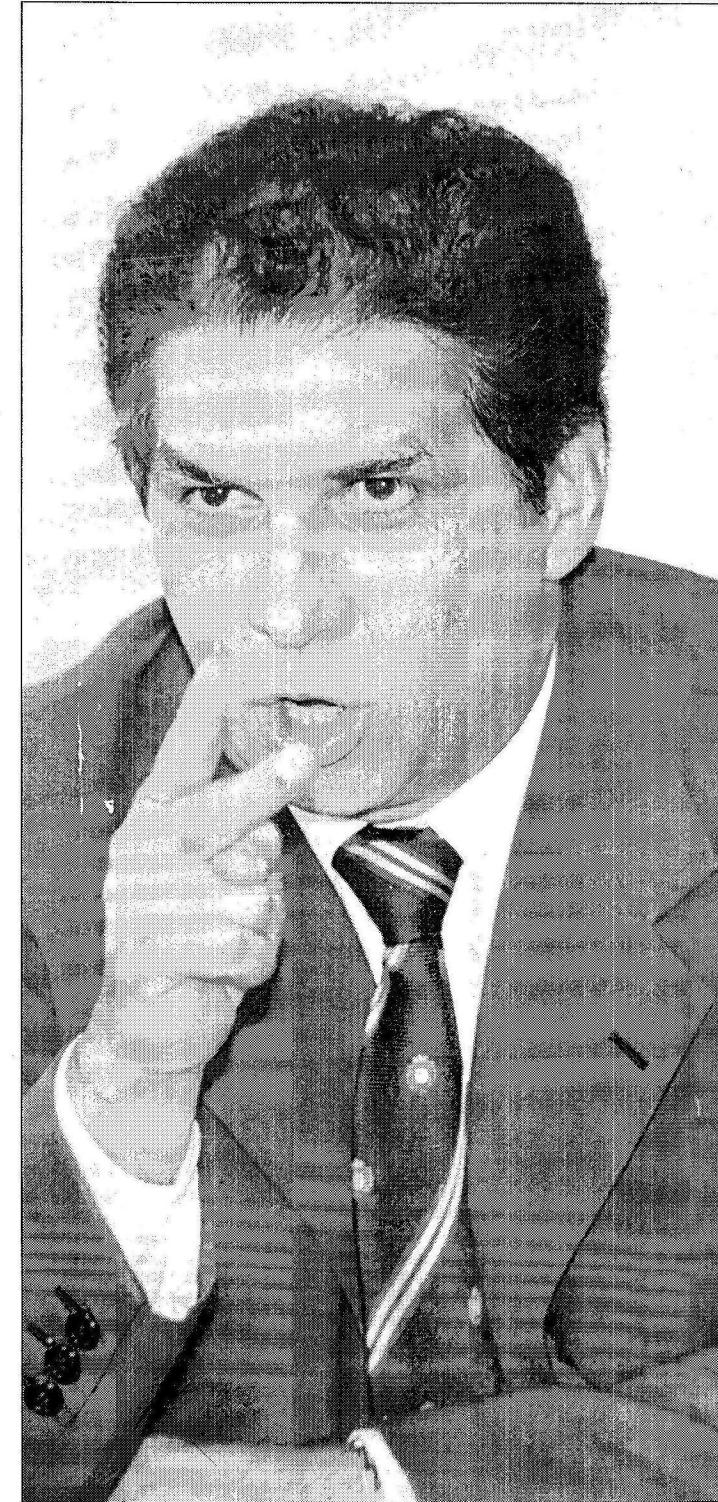
toriador da PUC, os mecanismos democráticos vão sendo aprimorados até não sobrar mais espaço para o tradicional coronelismo, tão comum na história da política nacional.

"Estamos vivendo um momento de descolonização da política brasileira, que também é uma descolonização, uma saída do regime colonial", define Guilherme. "Essas coisas de caciques, dos governadores-gerais de províncias, como ACM e Jader, não combinam mais nem são aceitas pela nova cidadania." Também para o professor Pinsky, políticos desse tipo estão com os dias contados: "Na essência, apesar de uma capa de modernidade que não convence ninguém, ACM é um político pré-1930, quando o País era governado pelos interesses regionais."

Até ali, continua o historiador da Unicamp, a política brasileira sempre girou em torno das oligarquias locais. "Só havia esse sentimento regional e a política era feita nesses moldes", anota Pinsky. A revolução de 30, continua ele, tentou quebrar esse poder regional, mas foi abandonada pelo presidente Getúlio Vargas, que acabou jogando o País na ditadura do Estado Novo (1937-1945).

Crise no Senado indica que a democracia brasileira está madura

ARQUIVOS/GERALDO MAGELA



JADER Barbalho: reação da opinião pública atropela manobras